

Suplemento Cultural

ZÉ RICO – O “GARGANTA DE OURO” QUE AMAVA FUTEBOL

‘Nesta longa estrada da vida, Vou correndo e não posso parar, Na esperança de ser campeão, Alcançando o primeiro lugar... Mas o tempo cercou minha estrada E o cansaço me dominou, Minhas vistas se escureceram E o final da corrida chegou!’
Zé Rico

REGINALDO ALVES DE ARAÚJO –
Presidente da ASL

São José do Belmonte, pequenina, porém cativante cidade do interior de Pernambuco, estado de grande importância do Nordeste brasileiro, viu nascer José Alves dos Santos – o singular ZÉ RICO, um apaixonado fã do futebol e cantor/compositor de primeira linha da festejada música sertaneja – no dia 29 de julho de 1944.

Aos 10 anos, acompanhando os pais, mudou-se para São Paulo. Passou a adolescência e parte da juventude trabalhando duro em frentes de serviços do governo paulista para sustento próprio e da família. Jovem de 17 anos, robusto e forte, resolveu acompanhar o pai na grande tarefa de lavar terras na cidade de Terra Rica, no estado do Paraná, nas fazendas de café, onde ganhou um bom “dinheirinho” e a origem do seu popular nome artístico, Zé Rico.

Quando ainda estava em São Paulo descobriu que possuía uma voz afinada e cantava para os amigos. Já no Paraná, convidado, aceitou cantar músicas de cantores conhecidos sertanejos e mexicanos, nos bares, em festinhas cívicas e religiosas, para depois engranar compromissos em casas noturnas paranaenses.

Aos 20 anos, já conhecido de alguns desportistas sul-mato-grossenses, aceitou a feliz proposta de jogar no CAD (Clube Atlético Douradense), da cidade de Dourados (MS), conquanto que pudesse exercitar o seu grande dom de cantor. O projeto deu certo. Além de ter brilhantes atuações, como jogador, ao lado do zagueirão Vilela, levando o esquadrão douradense ao título de campeão daquele ano, o nosso herói alcançou um brilho bem maior como cantor chegando, na ocasião, a gravar um disco.

No final da década de 60, Zé Rico foi contratado pelo 21 de Abril Futebol Clube, de Fátima do Sul (MS) e, no ano seguinte, jogou no bom time da Sétima Linha Futebol Clube, da cidade de Glória de Dourados (MS).

De volta ao Paraná, em visita aos pais, atuou, para satisfazer o desejo de inúmeros amigos, no Terra Rica Futebol Clube.

Um dia resolveu visitar São Paulo, ver amigos, matar a saudade. No Bar do Café, tradicional reduto dos artistas e cantores sertanejos, conheceu o já afamado cantor Milionário. Prosearam, ensaiaram modas caipiras regionais e transformaram-se, a partir de então, em dois grandes e inseparáveis amigos. As vozes, casadinhas, harmoniosas, deram vida a um duelo melodiosamente extraordinário e empolgante. Surgiu, auriluzente, a original dupla MILIONÁRIO E JOSÉ RICO, com retumbantes aplausos no Brasil e no exterior.

A aclamada dupla sertaneja foi formada no ano de 1970 tendo, segundo dados históricos, lançado seu primeiro disco através do patrocínio de um fã da cidade de Dourados, de nome Pinheiros, que tinha como apelido “Barbeiro”, por ter adotado essa profissão. Logo em seguida,



JOSÉ RICO – Seu timbre vocal encantou e emocionou gerações

“

Os maiores sucessos da dupla iniciaram-se em 1973, emplacando o estrondoso e permanente hit ‘ESTRADA DA VIDA’, que deu origem ao filme homônimo, estrelado pelos próprios cantores”

no início da carreira acabaram indo para o Paraná. Trabalharam em gravações comerciais. Os maiores sucessos da dupla iniciaram-se em 1973, emplacando o estrondoso e permanente hit ‘ESTRADA DA VIDA’, que deu origem ao filme homônimo, estrelado pelos próprios cantores. Zé Rico escolheu este nome para seu filme ao vê-lo titulando um registro

amador em “super-8”, feito por Geraldo Ramon Pereira, por ocasião de uma visita que ele fez ao amigo Eduardo Pereira da Rosa, aqui em Campo Grande, década de 70. – Zum, aí está o título que eu procurava para meu filme! Outro sucesso, ‘SONHEI COM VOCÊ’, também gerou filme.

Anos depois, afamadíssimo, Zé Rico fixou residência em Americana (SP) onde, juntamente com o companheiro de sucesso, fundou o clube de futebol Milionário e José Rico Futebol Clube, formado por consagrados craques que atuavam em times profissionais do Estado de São Paulo.

O timaço da dupla excursionou pelo Brasil, de ponta a ponta, obtendo expressivas vitórias, sempre acompanhando as apresentações musicais dos fabulosos cantores e reverenciados fundadores do clube.

Zé Rico confessou que um de seus amores era a cidade de Campo Grande (MS). Vibrava quando cantava na capital de Mato Grosso do Sul onde, com entusiasmo, recebia acolhida e aplausos demorados de amigos e fãs campo-grossenses que, com extremo zelo, ostentavam com orgulho a coletânea completa dos discos dos inimitáveis MILIONÁRIO E JOSÉ RICO – os “Gargantas de Ouro do Brasil”.

A música sertaneja está de luto com o falecimento recente de Zé Rico, na cidade de Americana (SP).

POESIAS

MUTAÇÕES

lavo as mãos compulsivamente
e quero me limpar
das sujeiras do mundo
mas ele é mais impuro
que as minhas mãos
mentalizo o branco-alvo
e quero me livrar
dos pensamentos dos homens
seus arco-íris
sempre mutam
para poças de sangue
sigo os caminhos
que meus olhos decifram
nos voos dos pássaros
nas estrelas que despencam
nas barbatanas das águas
em vulcões submersos
nas marcas das patas
nos cometas que riscam
mas são pontos
de interrogação

HENRIQUE DE MEDEIROS

O GOLFINHO

Golfinhos brincam no mar

E a vaga sem se desfazer.

Um dia terei eu prazer

Em vê-los saltando no ar?

Caçam baleias, caçam golfinhos.

Não conheceram São Francisco:

Porque homens se engolfinham

N’águas de cloro e ondas, sem mar?

Veio do terremoto a tsunami

Trouxe um golfinho a encalhar.

De comida só tinham inham:

Depois, o devolveram ao mar!

ORLANDO ANTUNES BATISTA

O pulsante telurismo nas Crônicas de Osvaldo Piccinin

RUBENIO MARCELO – Poeta e crítico literário, membro e secretário-geral da ASL

“O sertão está dentro da gente. Levo o sertão dentro de mim...”, assim asseverou João Guimarães Rosa. E esta assertiva não representa apenas uma singela expressão metafórica do ilustre criador de *“Grande Sertão: Veredas”*, mas um lídimo e pulsante estado de espírito.

Nesta linha, movida por um ‘eu lírico’ amalgamado com a identificação telúrica da sua essência, surgiu a obra *“Crônicas de Osvaldo Piccinin – A roça não sai da gente”*, recentemente lançada em concorrida noite de autógrafos na nossa Capital. Casado e pai de três filhos, o autor – que reside em Campo Grande/MS – é engenheiro agrônomo, diplomado pela ESALQ – Piracicaba/SP, turma de 1973.

Numa parte do texto expresso na contracapa deste seu livro inaugural, Osvaldo afirma: *“... procurei resgatar um período de minha vida onde o interior do Brasil parecia ter os mesmos hábitos e costumes, independentemente do local onde se morava”*. E assim encerra a sinopse: *“Foi nesse saudoso cenário que tive a maior fonte de inspiração. Minha humilde pretensão é deixar, para as gerações futuras, a forma simples, muitas vezes artesanal, de como vivíamos e éramos felizes dentro da nossa realidade em cada canto do Brasil rural de outrora...”*.

Incentivada pela Lei Rouanet e com realização da ‘Cultura Sustentável’, a obra é um consistente compêndio (com 256 páginas) contendo cem crônicas/contos/relatos de Osvaldo Piccinin, além de belas fotos ilustrativas (algumas do acervo da família).

Dotados de tocante dosagem emocional e intenso vigor descritivo, bem como – em alguns casos – oportunas roupagens pitorescas, os textos (integrantes do livro) tímbram, em estilo envolvente (sem orna-

tos), registros evocativos que marcaram (e marcam) verdadeiramente o caráter e o *modus vivendi* do autor, máxime as reminiscências originadas da sua infância e adolescência na pequena Ibaté (pacata cidade do interior paulista), quando residia com seus pais e irmãos no Sítio Morro Azul, e harmonizava os seus dias com as atividades escolares e a tradicional lida na roça: mister este que lhe é motivo de orgulho permanente. Isto é bem consignado, v. g., na sua crônica (que abre o livro) *“A roça nunca saiu de mim”*, em comovente passagem: quando ele – após retornar à sua casa, de férias, já formado e trabalhando para uma multinacional em outra região –, em diálogo/reencontro nostálgico com o seu pai benedito Piccinin (na gleba do velho sítio familiar), assim redarguiu: *“... você se esqueceu do quanto fui bom num cabo de enxada ou num facão de cortar cana?”*.

Outro texto que me emocionou profundamente foi *“A angústia da espera”* (págs. 16 e 17), que se refere à sensação dos pais diante a partida (saída de casa) dos filhos para galgar novos horizontes. E, neste sentido, Osvaldo – com propriedade – faz valer a sua especial sensibilidade paterna em vários trechos, como este: *“Quantas foram as noites em que, no silêncio de um fingido sono, ao lado do cônjuge, passamos boa parte rolando de um lado para o outro, pensando onde estariam, naquele momento, aquelas pessoinhas criadas com tanto zelo e carinho?”*.

E tem muito mais em *“Crônicas de Osvaldo Piccinin – A roça não sai da gente”*, livro caracterizado pela desburocratização do enredo e a fidedignidade aos princípios estéticos do manejo de temas, o que confere vitalidade a todo o conjunto desta publicação literária, que surge numa boa hora, renovando os ares da contística contemporânea.

Vale a pena conferir.

O amigo da onça

JOSÉ PEDRO FRAZÃO

Quando criança, eu via os desenhos de Péricles na Revista “O Cruzeiro” e nos jornais, mas não compreendia o sentido daquelas charges construídas pelo cartunista. Achava engraçado aquele personagem (o Amigo da Onça) de olhos e nariz grandes, porém mal percebia que ele vivia levando vantagens desonestas sobre os outros. Era o vilão herói; o bandido mocinho; o criminoso vítima. Assim são certos “amigos” que tornam nossa vida uma charge: “Os amigos da onça”.

Além dos amigos de verdade – que são poucos – há uma variedade de outros amigos: o “freelancer” – aquele ocasional, esporádico; o amigo “político” – que perdura só nas eleições ou enquanto se esteja no mesmo partido ou grupo; o amigo “irmão” – enquanto se professa a mesma fé; o “marimbondo” – aquele que só aparece pra ferrar; o “tamanduá” – o que abraça querendo matar; o amigo “urso” – o que só se chega quando tem mel; e até o amigo “de fogo” – que é fiel só quando está bêbado.

Mas o pior de todos é “o amigo da

onça” – aquele que você pensa que é amigo, dá-lhe regalias de amigo e, quando você precisa, ele se esconde, trama e às vezes ataca. Como onça não tem amigos, “amigo da onça” não é amigo de ninguém; é um ser irracional e predador; pessoa de garras escondidas em patas macias; aquele que nos procura só quando está em dificuldades, ou para se divertir (como a onça brinca com sua presa); é o amigo “mão única”, porque não sabe dar, só quer receber; só sabe usar e sovinar, porque só é amigo do próprio umbigo, das vantagens, dos seus interesses, das utilidades, das suas ideias, do seu orgulho.

Tal como felino, “o amigo da onça” é liso, sorrateiro, calculista, cruel e traiçoeiro. Do alto da sua empáfia, só olha os outros de cima para baixo. Segredado e desconfiado, costuma rosnar forte para impressionar enquanto menospreza a própria amizade, as virtudes, os direitos, os sentimentos e a inteligência dos que o rodeiam. Suas palavras são estudadas, estrategicamente educadas, mas afiadas como dentes de onça; seus olhos flamejam de alegria quando devora e

de ódio quando não é servido; e quando obtém a vantagem que persegue, fica em sua toca a ruminar gula e egoísmo. O jeito manso e calmo é parte da armadilha, da hipocrisia, do seu jogo felino.

A vontade obsessiva de pisar, diminuir, enganar, dominar, sugar, arrancar, destruir e devorar, faz do “amigo da onça” o pior inimigo, o mais asqueroso. E porque é pouco inteligente, nutre a inveja e faz do equívoco a sua verdade, a ponto de nomear seus amigos como inimigos, quando estes não lhe podem ser úteis. E assim vai afugentando, um a um, do seu convívio.

E como a presunção precede a queda, a Lei da Compensação da Natureza reservou para “o amigo da onça” um grande e inevitável castigo: a solidão. Ele está condenado a encerrar seus dias isolado na própria ilha de egoísmo que construiu durante a vida. Só uma coisa nunca abandonará “o amigo da onça” no catre do seu exílio social: a soberba, velha companheira, que, num gesto de misericórdia, o induzirá a pensar que ele é que é a vítima, tanto dos amigos, quanto da crueldade humana.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

ASL ELEGE NOVO MEMBRO CORRESPONDENTE: EDUARDO MAHON – Em Assembleia Geral, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL) elegeu, conforme preceitos estatutários, o escritor Eduardo Mahon como *Membro Correspondente* da instituição.

Indicado regularmente, aprovado pela Comissão de Análise de Candidatos da ASL, e eleito por unanimidade, Mahon reside em Cuiabá/MT e é o titular da cadeira nº 11 da Academia Mato-Grossense de Letras (AML), da qual é o atual presidente. A última eleição de um membro correspon-

dente da ASL havia acontecido em 2010 – naquela ocasião, foi eleito e tomou posse o escritor, filósofo e pacifista Daisaku Ikeda, uma das mais insignes celebridades mundiais, que reside no Japão e é presidente da “Soka Gakkai Internacional” (organização filiada às Nações Unidas).